

IMAGENS DO NASCER: Genealogia das ilustrações do século XVI aos vídeos de parto publicados em redes sociais do século XXI¹

Iana COIMBRA²

Doutoranda

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Resumo

Este trabalho narra a genealogia dos registros audiovisuais dos partos. A partir de um resgate histórico das primeiras ilustrações dos nascimentos, percorre séculos da História para contextualizar como esse momento emblemático da vida da mulher foi ilustrado desde 1513 até a contemporaneidade. Evidenciando que, criados inicialmente como vídeos educacionais, os registros audiovisuais passaram a ser usados ao longo das décadas como ferramentas para a denúncia da medicalização desnecessária, instrumentos de ativismo pelos movimentos do parto humanizado, tema de filme que concorreu ao Oscar, até serem apropriados pelas próprias mulheres como meios para se elaborarem, e guardarem a memória do que se convencionou em chamar do dia mais feliz de toda uma vida.

Palavras Chave História das mídias audiovisuais, Vídeos de parto, Histórias do nascer.

1.Introdução

Martha percebe que está em trabalho de parto depois de terminar de decorar o quarto da filha que espera. Na cozinha de casa conta contrações e se surpreende com a bolsa se romper. Sente enjoo, náusea e repete os movimentos que aprendeu num curso para aliviar o desconforto. O marido, tenta tranquilizá-la enquanto a parteira chega. A profissional escuta o coração da bebê, faz exame de toque e diz que está tudo bem.

Cris descobre que a bolsa se rompeu no caminho para a consulta com a obstetra. Acha graça da roupa molhada e comemora. Volta para casa para aguardar o trabalho de parto engrenar. Faz as unhas, se depila, dança com o marido, até sentir necessidade de ir pra maternidade. Vive horas doloridas em busca da dilatação. Quando os batimentos cardíacos da bebê indicam que não dá para esperar, Cris é removida às pressas para o bloco cirúrgico.

Martha descobre que está dilatada. A parteira percebe que os batimentos da bebê não estão bem e alerta que ela precisa nascer ou pedirá transferência para o hospital. Cris chega à sala de cirurgia e grita ao sentir o corte do bisturi para a cesariana de emergência. Os cinco minutos necessários para anestesia ter efeito são incompatíveis com a urgência do momento.

¹ Trabalho apresentado no GT Histórias das Mídias Audiovisuais, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG, email: ianacoimbra@hotmail.com.

O marido de Martha corre para pedir ajuda, enquanto a mulher urra para parir. Cris está sedada enquanto a menina lhe é retirada do ventre. Martha ouve a bebê chorar. Ao abrir os olhos, Cris descobre que a filha foi levada para a UTI. Segurando uma câmera com rolo de filme, o marido de Martha tira uma foto da garotinha que acabou de conhecer. Com uma câmera profissional uma cinegrafista registra as cenas do parto de Cris.

Martha é a personagem do filme *Pieces of Woman*, lançado pela *Netflix* em 2021. Cris Veríssimo é uma mulher real, que contratou uma cinegrafista para registrar o parto, em outubro de 2019, em Belo Horizonte. Pela interpretação visceral evidenciada no plano-sequência de 24 minutos que exhibe sem pudores as dores de um trabalho de parto sem intervenções, Vanessa Kirby foi premiada como melhor atriz no Globo do Ouro e indicada ao Oscar. O filme do parto de Cris Veríssimo está no *Instagram* da empresa especializada nesse tipo de registro, onde além das fotos e vídeo ela também conta a jornada para dar à luz³.

2. Genealogia da midiaticização do nascer

O ato de compartilhar como foi o nascimento dos filhos faz parte da rotina das mães desde as rodas de conversa ancestrais, em que as mulheres mais velhas instruíam as mais novas, até a contemporaneidade em que textos e vídeos permeiam redes sociais. Todavia, a representação do parto em meios midiáticos também não se trata de um fenômeno recente. Afinal, as narrativas elaboradas por praticantes da obstetrícia, pela literatura, pelas artes e pelas mídias abordam os nascimentos em documentários, ilustrações, livros, filmes...

O recorte deste trabalho começa em 1513, com o livro de Eucharius Rösslin. Um boticário que se tornou médico e publicou na Alemanha um manual para orientar parteiras e mulheres grávidas. *Der Swangern Frauen und Hebammen Rosergarten* (Jardim de Rosas para Gestantes e Parteiras), foi traduzido para diversos idiomas naquela época. O assunto era espinhoso, afinal o nascimento no contexto ocidental dos anos 1500, era regido pela Igreja Católica, que enxergava o trabalho de parto e suas dores, como punição a mulher pelo pecado cometido por Eva no paraíso. Portanto, o corpo feminino era um espaço de disputa entre Deus e o diabo (DEL PRIORE, 1997). O livro foi referência por quase dois séculos, e é considerado o terceiro texto obstétrico dirigido a parteiras ao longo de mil anos de História (GREEN, 2009). Apesar de ilustrações de partos reais já existirem, segundo Christa Grössberg (1997),

³ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CLIW_SmlMfO/. Acesso em: 02, fev, 2021.

foi a partir do livro de Rösslin que as imagens de mulheres dando à luz se tornaram acessíveis para a população em geral.



Figura 1. Der Swangern Frauen und Hebammen Rosergarten (Eucharius Rösslin, 1513)

Apesar de não serem tão comuns, até então, os partos cirúrgicos também foram retratados em imagens. Como mostra esta gravura de 1722 que faz parte dos arquivos do Instituto de História da Medicina da Universidade Johns Hopkins (MARTIN, 2006).



Figura 2. Sem nome. (Völter, 1722)

Existem registros de nascimentos cirúrgicos desde a Antiguidade, para tentar salvar os bebês no caso de morte das mães. No entanto, raramente o procedimento era feito em mulheres ocidentais vivas, até o fim do século XVIII, quando a cesariana foi introduzida na prática obstétrica. A primeira cesárea em vida que se tem notícia foi na Suíça, em 1500. O castrador de porcas, Jacob Nufer, operou a esposa depois de 13 parteiras tentarem fazer o bebê nascer, e cirurgiões-barbeiros se negaram a ajudar, por não poderem atender mulheres parindo (REZENDE, 2009).

Assim, ao longo dos séculos, as representações artísticas do nascer continuaram a ser retratadas pelas belas artes e pela literatura para documentar e ensinar como trazer bebês ao mundo, em segurança. Viviane Matesco (2009) chama atenção para o fato de que durante o

Renascimento, a relação entre o corpo e a ciência se manifestaram nas representações artísticas de forma dessacralizada. Uma sinalização da necessidade de se romper com o aspecto religioso, para que o corpo fosse convertido e visto como “coisa humana”.

O médico, historiador e antropólogo francês Gustave Joseph Alphonse Witkowski, contribuiu para a disseminação de imagens de parto. Em 1887 ele lançou o livro *Histoire des accouchements chez tous les peuples*. A publicação é composta por centenas de ilustrações de nascimentos e tinha a intenção de mostrar como as mulheres davam à luz em diversas etnias. Atualmente as imagens fazem parte da coleção digital da Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos (*U.S. National Library of Medicine*)⁴. Uma das figuras mais emblemáticas da publicação é usada para mostrar como se dava à luz naquela época.

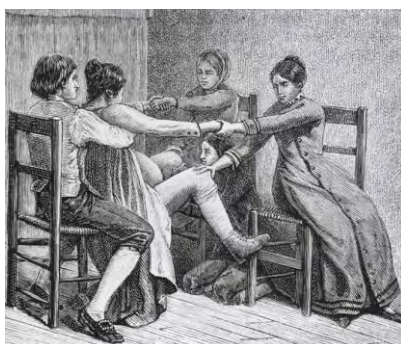


Figura 3. Pioneer Scene Birth (Gustave Joseph Alphonse Witkowski, 1877)

No entanto, o desenvolvimento dos recursos audiovisuais que permitem diversos tipos de registro, como fotografia, cinema e posteriormente a TV, impactou em como as imagens dos nascimentos passaram a ser capturadas e os partos narrados. O primeiro filme de parto que se tem notícia nas Américas foi lançado em 1949 por uma enfermeira norte-americana. Margaret Gamper queria contestar o modelo hospitalar e promover uma abordagem de incentivo ao retorno do parto natural (LIEBERMAN, 1992).

Com a implantação de diversas faculdades de medicina, o estabelecimento de aulas de obstetrícia pautadas pelo saber científico, a descoberta da microbiologia, a promoção da anestesia como ferramenta para humanizar o nascer e livrar a mulher da condenação divina, o uso de equipamentos e a normalização da cesariana como uma opção segura, principalmente em caso de complicações, houve uma transição do parto domiciliar para o hospitalar. O que resultou na ampla adoção de recursos médicos, na valorização do saber

4

Disponível em: <https://collections.nlm.nih.gov/?f%5Bdrep2.authorAggregate%5D%5B%5D=Witkowski%2C+Gustave+Joseph%2C+1844-1923%2C+author>. Acesso em 17, jun, 2021.

científico e tecnológico, e instaurou um modelo tecnocrático para nascer no século XX (DINIZ, 2005).

A apresentação do parto medicalizado, dentro das maternidades, como a melhor opção para se dar à luz, também contou com o incentivo das publicações nas páginas de jornais e revistas. Segundo Amaral (2008), a estratégia funcionou pela quantidade de leitores que tinham acesso a informação. Além disso, também se estimulava a procura pelas maternidades pelas notas de agradecimento, assinadas por pessoas bem situadas socialmente, cheias de elogios às instituições e profissionais.

É importante contextualizar que neste processo, as mulheres perderam o protagonismo e a centralidade do parto virou-se para o médico. Vários procedimentos foram introduzidos, incluindo sedação, com injeção de morfina e amnésico. O método desenvolvido na Alemanha nos anos 1900, foi batizado de sono do crepúsculo. Ele também atuava como alucinógeno, o que por vezes levava as mulheres a se debater e machucar. Por isso, eram amarradas a cama. Os leitos eram cobertos, acompanhantes não era permitidos, e muitas mães sequer tinham lembranças do que aconteceu enquanto davam à luz (DINIZ, 2005).

O documentário de Gamper foi feito neste contexto. Ao conhecer o trabalho do inglês Grantly Dick-Read, que atribuía a fatores socioculturais a associação entre parto e sofrimento. O obstetra acreditava ser possível parir sem dor, só com treinamento físico, boa alimentação e técnicas de respiração. O médico publicou dois livros, em 1933 e em 1946, e dizia que era preciso desconstruir as imagens nefastas do parto (CAVALCANTI, 2017). Daí a necessidade de se produzir imagens que construíssem outra perspectiva do nascer. Gamper também escreveu um livro, criou uma escola e escandalizou os americanos com as cenas gravadas de um parto natural. O filme foi utilizado para mostrar que era possível parir sem intervenção.

O lançamento do documentário coincide com o surgimento das primeiras críticas entre os trabalhadores da obstetrícia na Europa e nos EUA sobre as intervenções no corpo feminino inseridas desde a Revolução Industrial. Na década de 1950 muitas associações foram criadas para desenvolver alternativas ao parto industrializado, em que o corpo da mulher era visto como uma máquina para produzir pessoas, dependente do médico (MARTIN, 2016). Também começaram a surgir discursos para defender a não intervenção radical, aliada aos ideais de privacidade e autonomia da mulher (ODENT, 2010).

Em 1951, ainda nos EUA, o documentário *All my babies: a midwives' own story*⁵, mostrou como uma parteira afro-americana da zona rural da Geórgia, prestava assistência. O vídeo começa com um texto que explica que muitas pessoas trabalhavam para as mulheres terem bons cuidados médicos durante a gestação. Mas enquanto não era uma realidade geral, era importante melhorar as habilidades das parteiras. Especialmente as que moravam no interior do país, e eram responsáveis por salvar vidas de mães e bebês, já que enfermeiras e médicos eram escassos fora dos grandes centros.

As cenas mostram Miss Coley acompanhando as gestantes antes, durante e após o nascimento. No entanto, um médico e uma enfermeira eram responsáveis pelo pré-natal. Produzido pela Associação das Faculdades de Medicina Americanas e pelo Departamento de Saúde Pública da Geórgia, distribuído pelo Centro de Comunicação de Massa da Universidade de Columbia, o filme foi apresentado como uma ferramenta educacional para orientar as mulheres que faziam os partos, sem ter nenhuma formação técnica para isso.



Figura 4. *All my babies: a midwives' own story* (1951)



Figura 5. *All my babies: a midwives' own story* (1951)

⁵ Todos os meus bebês: a história das parteiras. Tradução da autora. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I2djFnp5h0w>. Acesso em: 02, Abr, 2021.

Em 1956 Dick-Read lançou o vinil *Natural Childbirth: A documentary Record of the birth of a baby*, e contribuiu ainda mais para a promoção de um nascer menos medicalizado (THOMAS, 1997). O álbum trazia o áudio de um parto conduzido pelo obstetra. Segundo Thomas (1997), Dick-Read foi convidado pela BBC para falar sobre o método e em 1957 a emissora adaptou e transmitiu na TV pública inglesa trechos do vinil. Após anos morando e atendendo na África, o obstetra dizia que a civilização ocidental foi responsável por destruir o entendimento humano sobre o parto natural, da forma como Deus criou.



Figura 6. *Natural Childbirth: a documentary record of the birth of a baby* (DICK-READ, 1956)

Portanto, nesses primeiros registros audiovisuais que se tem notícia, a intenção da produção se alinhava ao viés educativo, para mães e para envolvidos em assistir ao trabalho de parto. Todavia, em nenhum deles as mulheres foram ouvidas. No documentário de Gamper questionou-se o modelo tecnocrático que se consolidava como referência, e apresentou-se a alternativa naturalista para parir. No produzido pela Associação das Faculdades de Medicina Americanas, é claro o objetivo de ensinar as parteiras como trabalhar. No entanto, os saberes que elas tinham foram posicionados num patamar inferior ao do conhecimento médico, numa perspectiva hierarquizada. O parto com parteiras era uma opção diante da escassez da mão de obra, e não como uma alternativa diante de um modo de parir.

Segundo Vellay (1967, apud CAVALCANTI, 2017) a produção de narrativas audiovisuais também foi incorporada pelo Movimento do Parto sem Dor, na França, na década de 1950. A pesquisadora explica que a exibição dos filmes para gestantes tinha intenção de influenciar as mulheres em suas escolhas. Assim, o aparecimento das teorias e técnicas ligadas ao movimento de humanização, promoveu o surgimento de vários filmes e impulsionou ideias, contando inclusive com o apoio de cineastas. No entanto, a explosão das produções sobre o tema, consolidou-se na segunda metade dos anos 1990.

O documentário *Business of Being Born*, lançado nos Estados Unidos em 1998, por exemplo, fez um resgate histórico sobre a medicalização do nascer, teceu críticas ao modelo tecnocrático, ao excesso de sedação, abuso de tecnologia que resultou em bebês com câncer por causa do raio X usado entre os anos 1930 e 1940, e o dinheiro movimentado pela indústria do parto. Produzido por Ricki Lake e Abby Epstein, o documentário alegava que o parto domiciliar desapareceu nos EUA por causa da imagem de ser um ritual primitivo e anti-higiênico, enquanto o modelo hospitalar era altamente tecnológico. O que resultou nos seguintes dados: até 1900, 95% dos nascimentos de bebês norte-americanos ocorreram em casa; em 1938 o número caiu pela metade; e em 1998 foi inferior a 1%.

Todavia, o documentário termina com a cesariana da própria produtora, Abby Epstein, que após tentar um parto domiciliar, recorreu ao hospital por causa da posição do bebê no ventre. O que deixa claro que nascer em casa não é uma alternativa segura para todos.



Figura 7. Cena do documentário *The Business of Being Born* (2008)



Figura 8. Cena do documentário *The Business of Being Born* (2008)



Figura 9. Cena do documentário *The Business of Being Born* (2008)

3. No Brasil

No início da década de 1990, os médicos Faúndes e Cecatti, alertaram sobre a moda da cesárea no país, sugerindo a necessidade de profissionais de comunicação para valorizar o parto natural com a produção de mensagens que deixassem claro que a cesariana não significa ausência de dor e que o parto vaginal pode ser dolorido. Para eles era necessário exaltar a alegria de parir, além do valor emocional e físico do contato imediato entre mãe e bebê. Com cuidado, “para não culpar as mulheres que não conseguirem ter um parto normal, mas o esforço e a intenção para isso devem ser louvados” (FAÚNDES; CECATTI, 1991, p.165).

Assim, a produção audiovisual de registros de parto ganhou fôlego. Filmes foram produzidos por profissionais e hospitais de referência com apoio do Ministério da Saúde e de órgãos do governo. Ativistas dos movimentos de humanização e das redes de prestadores de serviços também recorreram às narrativas audiovisuais para fazer militância. No mesmo período o país passou pelas primeiras iniciativas da humanização como política pública, até que no início dos anos 2000, segundo Cavalcanti (2014), esse tipo de produção se consolidou.

De lá para cá, muitas obras foram criadas com propósitos diversos, no país. Mas o grande impulso, se deu em 2013, com o lançamento da trilogia documental que defende o protagonismo feminino e denuncia a violência obstétrica. *O Renascimento do Parto* foi assistido por multidões e se tornou uma ferramenta estratégica para promover o parto natural, costurando depoimentos de famílias sobre suas experiências, médicos, especialistas, doulas, e profissionais que atuam na área. E se nos primeiros documentários produzidos nos Estados Unidos, as mulheres não tiveram qualquer voz ativa ou seus relatos pessoais registrados, agora elas passam a ter lugar de fala reconhecido.



Figura 10. O Renascimento do Parto (2013)

O canal por assinatura GNT exibe desde 2010 um programa do tipo série documental, com ares de *reality show*, em que recorre às histórias de pessoas comuns para retratar os diferentes tipos de parto. *Boas Vindas* estabelece uma narrativa em tom confessional ao mostrar a jornada da família até a chegada do bebê. Os relatos são amarrados por um narrador, que costura as falas dos pais, e vez ou outra invoca o depoimento de algum profissional. Aqui há uma inversão no padrão das narrativas estabelecidas anteriormente, porque o centro não está mais no saber profissional. O foco está no que os pais do bebê têm a dizer, na partilha das experiências dos personagens, que se narram, se emocionam e contam o que viveram.



Figura 11. Programa Boas Vindas GNT (2013)

O testemunho pode dar à vida privada uma dimensão que ultrapassa o voyeurismo e permite a reflexão sobre questões sociais a partir das experiências de quem as vive, segundo Fernanda Silva (2017). “Ao narrarem-se a si mesmos, os personagens do *Boas Vindas* usam sua experiência para fortalecer os vínculos de intimidade que o programa pretende construir” (SILVA, 2017, p.127). E essa intimidade atinge quem acompanha os relatos do outro lado, como convidados a embarcar nas narrativas e a torcer por desfechos felizes. Todavia, Cavalcanti (2014) observa que existe nesses vídeos uma personagem autorizada a falar nos discursos fílmicos: a mulher predominantemente branca; parte de uma família nuclear; de classe média ou celebridade; de capital cultural elevado e, que vivenciou o parto humanizado.

4. Vídeos pessoais de parto

No Brasil, os vídeos contratados pelas mães para registrar os partos se tornaram um serviço oferecido por *filmmakers*, na esteira do programa *Boas Vindas*, que levou para a TV uma apropriação leve dos registros de nascimentos. Com recursos mais elaborados que os vídeos caseiros, em que usualmente o pai da criança filmava em plano sequência, sem se preocupar com enquadramentos, *storytelling*, ou edição posterior. No entanto, num momento em que as gestantes da contemporaneidade podem se apropriar das ferramentas midiáticas

para registraram e publicizarem os partos e se elaborarem como mães, esses vídeos surgem repaginados com ares documentais e recursos como: edição sofisticada, trilha sonora, e roteiro que evidencia os “melhores momentos” da jornada. Este é um movimento constatado na última década, quando as redes sociais digitais passaram a disponibilizar a publicação de vídeos pessoais. Atualmente diversos profissionais vendem o serviço do registro do nascimento de bebês em vídeo. Em Belo Horizonte, pelo menos cinco empresas trabalham prioritariamente esse tipo de produto, oferecendo até mesmo parcerias com maternidades.

Para Cavalcanti (2014) essa tendência teve como precursor um curta da antropóloga mexicana Naoli Vinaver, que em 2003 lançou *Birth Day* - o registro do nascimento da terceira filha dela, em casa, na água, ao lado da família. A parteira que estava no local para prestar assistência sequer aparece, para destacar que Vinaver, que também é parteira, pariu sozinha. A esse tipo de registro Cavalcanti (2014) chama de vídeo-relato. Assim, elementos da cultura fílmica são incorporados como parte da experiência do nascer entre mulheres, que se tornam protagonistas dos próprios filmes. Ainda que conduzidos, roteirizados e editados por um olhar profissional, são elas em cena, vivenciando o parto pela via possível. Além disso, não é raro, que elas utilizem a publicação dos vídeos nas redes como ponto de partida para se relatarem.

Foi o que fez Cris Veríssimo, citada no início deste artigo. Nas primeiras imagens do vídeo, ela e marido se abraçam e se fazem carinho no quarto do bebê. Percorrem o caminho esperado nos registros audiovisuais particulares. Bem editado, tem trilha sonora suave e imagens que enaltecem a força feminina. Destaca o uso de bola, as massagens para alívio de dor, evidenciando a escolha de uma abordagem humanizada, com apoio de doula, enfermeira obstétrica e um ambiente acolhedor ainda que hospitalar. A tensão se instala quando o trabalho de parto foge do planejado, ainda que nas imagens não se tenha noção do que virá. Entram em cena balão de oxigênio, avental, maca e ambiente cirúrgico. Revela-se a aplicação da anestesia, a imagem da mãe serena, maquiada, amparada pelo marido, enquanto a filha é retirada com a ajuda de um bisturi. O desespero, o medo, a insegurança não aparecem nas imagens, no que é construído para ser uma memória audiovisual de um dia feliz. Mas os espaços deixados pelo filme são preenchidos pelo relato escrito.

Nossa filha nasceu às 6h45. Sem batimento cardíaco. Por 15 minutos ela foi reanimada até conseguirem finalmente recobrar seus batimentos cardíacos e foi levada à UTI sem que eu tivesse a oportunidade de vê-la. Antes da cirurgia acabar eu fiz um tremendo esforço e acordei. Olhei para o Di e perguntei sobre nossa Sementinha. Ele disse que era uma menina e me contou um pouco do que houve. O pouco que ele sabia. Enquanto meu corpo era fechado, a pediatra nos contou um

pouco mais. Não vi minha filha nascer. Não sabia como ela era. Só que era uma menina e, naquele momento, soubemos que se chamaria Tarsila Veríssimo Rezende⁶.

Müller e Pimentel (2013) destacam que os vídeos de parto e os relatos em primeira pessoa compartilhados na internet, exercem um papel importante no contexto do atendimento obstétrico por trazerem a perspectiva “da nativa”, de quem “esteve lá”, aquela que vivenciou o parto, e que se posiciona de maneira ativa diante da experiência elaborada, ainda que *a posteriore*. E no caso de Cris, havia muito o que elaborar, já que o nascimento planejado para ser domiciliar resultou numa cesárea de emergência de uma bebê sem pulso, que precisou de socorro médico. Todavia, essas publicações têm fomentado a desprivatização e desindividualização da vida ao transformar a experiência particular em algo da esfera pública. Transportando um momento de intimidade da mulher para os meios de comunicação digitais. Logo, recria-se o nascer midiaticizado, transformando a experiência de ter um filho em algo permeado pela lógica da mídia e pelas lógicas culturais vigentes, de maneira que os vídeos de parto se tornam produtos culturais (MENDES; GONÇALVES; MATTOS, 2020). Afinal, parir e nascer não são processos naturais nem meramente fisiológicos, mas eventos sociais e culturais complexos, que envolvem interações entre indivíduos, grupos sociais e organizações, com poderes e legitimidades diferenciados (MAIA, 2008).

O que reforça o alerta de Tyler e Baraitser (2013) de que apesar das últimas três décadas terem trazido aumento expressivo das representações de parto nas mídias, é necessário se estudar mais sobre as implicações desta nova cultura visual e o tabu estético da cena do nascimento. Para Cavalcanti (2014), os filmes ocupam um espaço no processo de reapropriação das mulheres sobre a experiência de parto e desempenham um papel crucial no debate e disseminação de novas práticas de assistência, junto a um extenso arquivo de produtos culturais, intencionalmente projetados para a elaboração desse discurso. Daí a ampliação da produção para a indústria do cinema e da TV. O que inclui a presença em festivais consagrados como o Oscar, na promoção de documentários ligados aos movimentos sociais e a incorporação da cultura do registro do nascer como parte da própria experiência de parto.

Dentro de um filme nascem os seres humanos, especialmente editado, dramatizado, coordenado e projetado. Os filmes profissionais captam o concerto da natureza, a força espontânea do nascimento, o sagrado e “o segredo mais bem guardado”, como um registro meticuloso dos movimentos de cada ser, que postos em mídias sociais, produzem desejos, sujeitos que espiam e perseguem, observam e reconhecem-se no

⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CLO1vtFFafp/>. Acesso em 2, fev, 2021.

mistério. Luz, câmera, ação: é o espetáculo do nascimento! (CAVALCANTI, 2014, p.110).

Das ilustrações dos primeiros livros voltados para a educação, passando pelos documentários de 1949 e 1951, que buscavam ensinar, mas também contestar modelos para parir, passando pelos documentários ligados aos movimentos sociais, ao filme que concorreu ao Oscar, e os registros audiovisuais e escrito publicados nas redes sociais, é possível traçar uma perspectiva da genealogia das mídias audiovisuais que retratam o nascer. Sendo que a posição da mulher como ser retratado ao longo dos séculos mudou. De indivíduo interdito, a paciente dependente do saber científico, a sujeito da parturição, na contemporaneidade as mulheres podem finalmente se apropriar das ferramentas midiáticas para se colocarem na cena como sujeito e protagonistas, e finalmente terem suas vozes ouvidas. E se como Cavalcanti (2014) alertou, havia um padrão de quem tinha lugar de fala legitimado, nos vídeos pessoais profissionais, o padrão se torna quem tem dinheiro suficiente para arcar com os valores cobrados pelo serviço.

Em busca de uma conclusão

Esse artigo não busca analisar cada tipo de narrativa audiovisual construída, e passa longe de esgotar o assunto, mas deseja chamar atenção para a necessidade de se olhar para trajetória construída ao redor das representações midiáticas do nascer. Assim, é possível por meio dessa breve genealogia perceber que os vídeos de parto surgiram no meio do século passado como ferramentas para ensinar parteiras, orientar mulheres, e também contestar um modelo obstétrico que se instaurava, a depender de quem estava à frente da produção. No final do século XX e início do XXI foram transformados em ferramentas para promover um nascer sem intervenções, respeitando o direito da mulher, até se constituírem como obras contratadas pelas próprias gestantes para terem consigo as imagens do que se convencionou em chamar do dia mais importante de toda uma vida.

E por falar na importância das imagens, a fictícia Martha de *Pieces of Woman* nunca tinha visto a foto da filha, tirada pelo então marido, até revelar o rolo com o único registro feito às pressas no dia. Mas ao olhar para a fotografia, a personagem finalmente conseguiu se conectar com a menina que mal pôde carregar, e a partir daí elaborar a perda e o luto. O registro do nascimento foi a chave para a mudança da jornada.

A filha de Cris Veríssimo também não resistiu, e morreu na UTI 17 horas depois de vir ao mundo. A mãe só escreveu e publicou o relato sobre a breve vida de Tarsila no final de 2020, um ano depois de ter protagonizado a história digna de roteiro cinematográfico.

Mais tarde, às 23h45, fomos chamados à UTI. Sabíamos o que era. Nos abraçamos e descemos. Nossa filha estava sendo reanimada. Quase desmaiamos com a cena. Nos sentaram. Respiramos e seguramos nossas mãos. Apesar do pediatra vir e se abaixar a nós, muito de longe o ouvi dizer: "Tentamos de tudo o dia todo, mas Tarsila não aguentou". Aquelas foram as palavras mais terríveis que ouvi. Nada poderia ser pior. Choramos desesperados. Como viveremos? Vestiram nossa menina, enrolaram numa manta, colocaram uma touca. Ficamos ali, com ela no colo. Num momento eu. Noutro momento o Di. A beijamos, cheiramos, conversamos. Fizemos promessas de seguir a vida por ela. E assim temos aprendido. Nascemos pai e mãe no dia 19 de outubro/19. E seguimos assim⁷.

Ao tecer as palavras que conectam os textos e o vídeo recheados de sentidos em que vida, morte, beleza e tragédia se misturam, Cris, se insere em um enredo que mãe nenhuma gostaria de viver. Mas publica a própria história e se narra para que a experiência não seja apagada, e diante de um novo capítulo que se anuncia. Um ano depois ela volta as mesmas redes sociais, no perfil da mesma profissional contratada, para se narrar novamente. Não como a mãe que saiu da maternidade sem uma criança nos braços, mas como a mulher que após uma tragédia pessoal, pariu num parto normal pós-cesárea. Como a mãe de um menino que nasceu e sobreviveu. A mãe de Tarsila e de Antônio.

Assim, os vídeos pessoais de parto se configuram como memória da mulher que gestou e deu à luz. Como relato de quem engravidou, que fez escolhas diante de um cenário histórico obstétrico e se colocou como sujeito e protagonista da própria história, para quem sabe também influenciar outras mulheres em suas próprias jornadas. Concluindo o longo percurso histórico desses registros que de instrumento educacional, de militância, foi apropriado como memória, e ferramenta elaboração da história pessoal.

Referências

CAVALVANTI, Aline. **Liberdade para nascer: uma análise do discurso de humanização do parto no cinema documentário ativista**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Recife, 2014.

CAVALCANTI, Aline. **Tática ou produção de subjetividade?: Uma análise de cinema documental ativista pela humanização do parto**. *Cadernos De Campo (São Paulo - 1991)*, 26(1), 111-131., 2018.

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CLO1vtFFafp/>. Acesso em 2, fev, 2021.

GREEN, Monica. **The Sources of Eucharius Rösslin's 'Rosegarden for Pregnant Women and Midwives' (1513).** *Medical History*. Vol, 53. Issue, 2. Cambridge University Press, 2009.

GRÖSSINGER, Christa. **Picturing Woman in Late Medieval and Renaissance Art.** Manchester University Press, 1997.

MAIA, Mônica Bara. **Humanização do parto: política pública, comportamento organizacional e ethos profissional.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010.

MATESCO, Viviane. **Corpo, Imagem e Representação.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MENDES, Conrado; GONÇALVES, Alessandra, MATTOS, Maria Ângela. **WhatsApp na sala de parto e a midiatização do nascimento.** *ECCOM*, V.11, n, 22, jul/dez, 2020.

REZENDE, Jofre Marcondes de. **À sombra do plátano: crônicas de história da medicina.** São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

SILVA, Fernanda. **Histórias de maternidade vividas na TV: o papel do testemunho num reality show brasileiro.** *Comun. Mídia Consumo*. São Paulo, V.14. n.39, p.111-130, jan/abr., 2017.

TYLER, Imogen; BARAITSER, Lisa. **From Abjection to Natality: Some thoughts on Helen Knoeles' YouTube Portraits.** In: KNOWLES, Helen. *Private View: Public Birth*. London: Poppy Bowers and Helen Knowles, 2013.

THOMAS, Mary. **Post-war mothers: childbirth letters to Grantly Dick-Read 1946-1956.** University of Rochester Press, Rochester: 1997.